



CURSO DE JORNALISMO

Fabian Lisboa Carneiro

**O JORNALISMO LITERÁRIO COMO INFLUÊNCIA NA
SUBJETIVIDADE DO LEITOR: UM ESTUDO BASEADO NA
OBRA “A VIDA QUE NINGUÉM VÊ”, DE ELIANE BRUM**

**Santa Maria
2020**

Fabian Lisboa Carneiro

**O JORNALISMO LITERÁRIO COMO INFLUÊNCIA NA
SUBJETIVIDADE DO LEITOR: UM ESTUDO BASEADO NA
OBRA “A VIDA QUE NINGUÉM VÊ” DE ELIANE BRUM**

Trabalho Final de Graduação II apresentado
ao Curso de Jornalismo, Área de Ciências
Sociais, da Universidade Franciscana -
UFN, como requisito parcial para obtenção
do grau de bacharel em jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosana Cabral Zucolo

**Santa Maria
2020**

Fabian Lisboa Carneiro

**O JORNALISMO LITERÁRIO COMO INFLUÊNCIA NA
SUBJETIVIDADE DO LEITOR: UM ESTUDO BASEADO NA
OBRA “A VIDA QUE NINGUÉM VÊ” DE ELIANE BRUM**

Trabalho Final de Graduação II
apresentado ao Curso de Jornalismo,
Área de Ciências Sociais, da
Universidade Franciscana - UFN, como
requisito parcial para obtenção do grau de
bacharel em jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:

Banca examinadora:

Profa. ME Sione Gomes dos Santos

UFN

Prof. ME Carlos Alberto Badke.

UFN

Prof.^a Dr.^a Rosana Cabral Zucolo

ORIENTADORA

UFN

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, aquela que me contou a primeira história e me deixou imaginar. Todas as coisas que escrevo, todos os passos que dou é em direção ao lugar aonde um dia irei lhe encontrar.

AGRADECIMENTO

À minha mãe Olga e minha avó Rita, meus anjos, a quem sinto as suas presenças em tudo o que faço.

Ao meu pai, por sermos tão iguais e tão diferentes e, assim desse jeito, nos entendemos.

A todos os amigos que fiz ao longo da faculdade, em especial à Gurizada do Petróleo, André, Alex, Maurício e Gabriel. Vocês foram importantes nesta caminhada.

A todos os funcionários que mantêm o curso de Jornalismo da UFN vivo, em especial, ao o meu grande amigo Clenilson.

A todos os professores, levo um pouco de cada um deles e guardo todos os ensinamentos passados ao longo dos anos.

Um agradecimento especial ao professor Beбето, por todos os conselhos, elogios e por acreditar no potencial da minha escrita.

Também à minha orientadora, professora Rosana, por me ajudar a transformar uma ideia em algo palpável, do qual me orgulho muito ter escrito.

E por fim, à minha noiva Jéssica que é a bússola que orienta, o meu navio nas mais sombrias tempestades e a brisa que bate no meu rosto quando navego em águas calmas.

“Durante milhões de anos, a humanidade viveu exatamente como animais. Então, aconteceu alguma coisa que desencadeou o poder da nossa imaginação. Nós aprendemos a falar e aprendemos a ouvir.”

Stephen Hawking

RESUMO

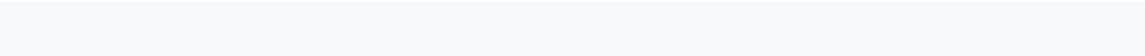
O presente estudo tem por intuito entender o impacto do texto literário, observando como a literatura e a subjetividade podem exercer um papel transformador no repórter e no leitor, tendo como objeto de análise o livro “A vida que ninguém vê”, da jornalista Eliane Brum. Investiga como o repórter consegue ser um diferencial a ponto de sensibilizar o seu leitor e provocar novos olhares. Para tanto, analisa o impacto no leitor de cinco crônicas selecionadas da obra de Eliane Brum; averigua as marcas de subjetividade, e examina o espaço existente para o jornalismo literário na atualidade. Para tanto, utiliza a pesquisa qualitativa com base na técnica de grupo focal para a coleta de dados. A análise aponta que o jornalismo literário se faz importante, porém há entraves, pois os meios de comunicação não viabilizam a escrita humanizada como atrativa.

PALAVRAS – CHAVES: Subjetividade, Jornalismo Literário, Crônica, Eliane Brum

ABSTRACT

The present study aims to understand the impact of the literary text, observing how literature and subjectivity can play a transforming role in the reporter and the reader, having as object of analysis the book “The life that nobody sees” by the journalist Eliane Brum. It investigates how the reporter manages to be a differential to the point of sensitizing his reader and provoking new looks. To this end, it analyzes the impact on the reader of five chronicles selected from the work of Eliane Brum; ascertains the marks of subjectivity, and examines the existing space for literary journalism today. To do so, it uses qualitative research based on the focus group technique for data collection. The analysis points out that literary journalism is important, but there are obstacles, since the media do not make humanized writing viable as attractive.

KEYWORDS: Subjectivity, Literary Journalism, Chronicle, Eliane Brum.



SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
1.1 Estado da Arte.....	13
2. Referencial Teórico.....	16
2.1 O Jornalismo literário e a crônica jornalística.....	16
2.2 O Jornalismo pautado na objetividade e subjetividade.....	21
2.3 A Ética no jornalismo.....	24
3 Um olhar sobre Eliane Brum.....	28
3.1 A vida que ninguém vê.....	31
4 Metodologia.....	34
4.1 As Crônicas/Reportagens.....	35
4.2 Análise de Dados.....	39
5 Considerações Finais.....	46
Referências Bibliográficas.....	49

INTRODUÇÃO

A produção no jornalismo brasileiro se consolidou nos conceitos de objetividade e imparcialidade trazidas da escola norte-americana. Ao longo dos anos, o jornalismo sofreu inúmeras transformações, e a velocidade com que consumimos informação é a principal delas. Com isso, o jornalista necessitou adaptar-se e, hoje, a produção de seu conteúdo precisa ser mais rápida e direta. Criou-se uma espécie de corrida para ver quem traz primeiro a informação.

Essa mudança trouxe um grande problema: a superficialidade que a maioria dos veículos de comunicação apresenta em suas reportagens, sendo que aspectos fundamentais e relevantes, como apuração dos fatos, fontes oficiais, além de um maior detalhamento e cuidado com o texto, não se tornam tão importantes. O resultado é um jornalismo duro, reto, pautado em números, fontes oficiais e, em raras oportunidades, inspirados. Assim, linguagem literária e a subjetividade são pouco exploradas no jornalismo atual. Quase não têm espaço e, com isso, a sensibilidade, que é algo entrelaçado à subjetividade, dá lugar a narrativas puramente objetivas que podem despertar o oposto disso como, medo, ódio, temor e desconfiança, principalmente pelo momento atual em que vivemos.

O repórter que possui um olhar mais apurado, que tem nos seus escritos traços mais literários, no começo da sua carreira ou até ter o seu talento reconhecido, pode acabar sendo tratado como “diferente” e sua sensibilidade pode ser apontada como algo que “atrapalha” o seu texto jornalístico. Para Cremilda Medina (2008), esse roteiro pré-definido na execução das tarefas é o maior desafio dos meios de comunicação:

Na maior parte das circunstâncias, o jornalista imprime o ritmo de sua pauta e até mesmo preestabelece as respostas: o interlocutor é conduzido a tais resultados. O que menos interessa é o modo de ser e o modo de dizer daquela pessoa. O que efetivamente interessa é cumprir a pauta que a redação de determinado veículo decidiu (...). Estamos longe da rede de comunicação em que se resgate a presença da pessoa, se abram canais para os testemunhos anônimos. (MEDINA, 2008, p.8)

Podemos dizer que a humanização está no DNA do jornalismo literário e o jornalista que o pratica, além de talento, precisa de certa sensibilidade ao escrever seus textos, deixando nas entrelinhas para o seu leitor, algo que o faça refletir de algum modo. Assim, no intuito de entender o impacto do texto literário na percepção do leitor e, no

quanto subjetivamente esse tipo de narrativa pode afetar a sua maneira de enxergar o mundo. O tema desta monografia explora a sensibilidade no modo de produzir reportagens, observando como a literatura e a subjetividade podem exercer um papel transformador no repórter e no seu leitor, utilizando como objeto de análise o livro “A vida que ninguém vê” da jornalista Eliane Brum.

Considera-se que essa profissional foge do jornalismo convencional e usa toda a sua sensibilidade na construção das suas reportagens, consegue enxergar o extraordinário em situações do cotidiano e transformar pessoas comuns em grandes protagonistas. Neste sentido, duas questões problemas emergiram dessa reflexão: como ao priorizar a subjetividade na escrita jornalística, o repórter pode provocar transformações? Há outras maneiras de fazer um jornalismo diário mais humanizado?

Assim, o objetivo deste trabalho visa analisar como o repórter, ao mostrar nos seus textos um olhar mais humanizado, consegue ser um diferencial a ponto de sensibilizar o seu leitor e provocar novos olhares. E, também, (a) analisar o impacto das crônicas selecionadas no leitor da obra de Eliane Brum; (b) averiguar as marcas de subjetividade presentes nas crônicas selecionadas; (c) examinar o espaço existente para o jornalismo literário no atual momento em que vivemos.

Para tanto, foram elencadas cinco crônicas retiradas do referido livro, sendo elas: “Enterro de pobre”, “O sapo”, “O menino do alto”, “O encantador de cavalos”, “Sinal fechado para Camila”. A escolha específica destas crônicas-reportagens se deu pelo fato de acreditar que os cinco personagens dessas narrativas retratam a realidade em que se vive de forma dura e direta. Os protagonistas destas histórias, para a maioria da sociedade, apenas fazem parte da fotografia das ruas e dificilmente seriam escolhidos para contar suas histórias. Portanto, com base na metodologia do grupo focal, tais obras foram direcionadas para leitura de cinco pessoas sendo três jornalistas, um estudante de filosofia e um professor com licenciatura em teatro.

Tais escolhas se baseiam no objetivo desta pesquisa e pelo fato da busca pelas marcas da subjetividade e sensibilidade ao se fazer e consumir o jornalismo, pois como a jornalista Eliane Brum (2014, p. 6) menciona “como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um inventa uma vida. Como cada um, cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa.”

O percurso deste trabalho traz, ainda nesta introdução, o relato do processo de busca dos trabalhos já realizados sobre o jornalismo praticado por Eliane Brum; os tópicos do referencial teórico como o jornalismo literário e a crônica jornalística, a subjetividade,

a objetividade e a ética no jornalismo. Posteriormente, apresenta a metodologia desta investigação e a análise dos dados, finalizando com as considerações finais.

1.1 O ESTADO DA ARTE

Esta seção que marca o primeiro movimento desta monografia tem por propósito apresentar trabalhos de pesquisa sobre o jornalismo literário, a partir do ponto de vista mais humanizado que se evidencia nas obras da jornalista Eliane Brum. Essa averiguação teve por intuito, inicialmente, identificar os objetivos de cada pesquisa, seus métodos e resultados encontrados, selecionando aquelas que convergem ao tema deste trabalho.

A busca pelos trabalhos foi conduzida no site do Laboratório de Pesquisa de Comunicação e Jornalismo da Universidade Franciscana (LAPECJOR), de Santa Maria e no site da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), tomando como referência nos Anais, trabalhos que abrangem o tema “Jornalismo Literário na escrita de Eliane Brum”. Foram encontrados nove trabalhos sobre o tema, realizados entre os anos de 2013 a 2018, período delimitado para esta busca. Destes, quatro foram selecionados por apresentarem maior afinidade com o objeto desta pesquisa.

No site da INTERCOM foi encontrado o artigo intitulado “As marcas do Jornalismo Literário nas colunas de opinião de Eliane Brum”, oriundo do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (2016), dos graduandos em jornalismo, Glaucia Damazio e Luan Pazzini. Este trabalho teve como objetivo identificar na coluna da jornalista Eliane Brum, marcas discursivas que remetem ao uso do jornalismo literário, característica da autora na composição dos seus textos. Para realizar a análise, foram selecionados três artigos da jornalista, publicados no site do jornal El País Brasil, onde ela escreve quinzenalmente sobre diferentes assuntos. Baseado em características do jornalismo literário, foram analisadas sequências discursivas em cada um dos textos. A análise foi baseada na metodologia da Análise do Discurso Francesa (AD).

Foi diagnosticado que Eliane Brum utiliza também ferramentas do jornalismo literário para escrever seus artigos de opinião, transformando-os em reflexões argumentativas, embasadas em diferentes tipos de elementos, que trazem credibilidade para suas considerações.

O segundo trabalho também advindo do site da INTERCOM e intitulado “O olho da Rua: o jornalismo literário na obra de Eliane Brum, do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (2015), do graduando em jornalismo, Luan Mendonça. Teve como objetivo discutir aspectos do jornalismo literário

presentes na obra da jornalista Eliane Brum, assim, encontrar elementos da sua produção que tenham relação com a literatura. Foram analisadas dez grandes reportagens, publicadas no livro “O Olho da Rua”, e de acordo com o estudo realizado, percebeu-se que sete características (exatidão e precisão, humanização, estilo próprio e voz autoral, imersão, criatividade e responsabilidade ética), estão presentes no livro, o que o torna um exemplo de jornalismo literário.

No site do Laboratório de Pesquisa e Comunicação (LAPEC), da Universidade Franciscana de Santa Maria, foi encontrado o Trabalho Final de Graduação (TFG), intitulado “A realidade social retratada nas reportagens de Eliane Brum, em A Vida que Ninguém Vê” (2013) da graduanda de jornalismo Pâmela Rubin Matge. O trabalho teve como objetivo refletir sobre como a realidade social pode pautar o jornalismo e a utilização de reportagens como instrumento modificador. O estudo baseou-se em conceitos jornalísticos e realidades sociais. Foi realizada uma análise de conteúdo, que mapeou tematicamente todas as reportagens da obra, analisando cinco destas reportagens de acordo com as categorias construídas na relação entre teoria e objeto. No final da pesquisa foi constatado que independente da re-adequação profissional e das transformações tecnológicas, o jornalismo ainda preza em contar boas histórias e promover mudanças em todos os níveis sociais.

O segundo TFG pesquisado, intitulado “Humanização do relato na construção da narrativa jornalística: uma análise de reportagens de Eliane Brum sobre a usina hidrelétrica de Belo Monte” (2018), da graduanda de jornalismo Paola Saldanha de Oliveira, buscou responder como os relatos humanizados nas reportagens de Eliane Brum constroem a narrativa sobre Belo Monte. A metodologia aplicada apoia-se na análise de conteúdo dos textos sobre Belo Monte no jornal El País, examinar a sua narrativa, seu lado mais humanizado e compreender como os relatos dos personagens contribuem na construção narrativa. Ao fim da pesquisa, concluiu que dar nome e apresentar as complexidades dos protagonistas da história, a leitura sobre o tema se mostrou mais profunda e sensível em relação à construção narrativa. Em um segundo momento foram incluídos à pesquisa mais dois trabalhos.

O primeiro, um TFG do curso de jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), intitulado “Razão e sensibilidade no jornalismo: Eliane Brum a vida que quase ninguém vê”. Produzido no ano de 2014 pela graduada em jornalismo Mariana Martins Mauro que, a partir da análise das obras da jornalista Eliane Brum se propõe compreender a relação entre um olhar sensibilizado e o estudo da literatura com a construção do jornalismo no país.

E, por último, o TFG desenvolvido no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulado “Jornalismo dos Invisíveis: os diferenciais no jornalismo de Eliane Brum” (2011), da graduanda Gabriela Santos Bazzo, que com base nos textos da jornalista e de uma entrevista exclusiva concedida à pesquisadora, o trabalho visou compreender quais são os principais diferenciais em seu fazer jornalístico e de que forma as etapas que precedem o texto refletem em suas reportagens. Através dos resultados obtidos na pesquisa, foi possível identificar como e o porquê Eliane desenvolve um trabalho diferenciado, que já lhe rendeu mais de 40 prêmios de reportagem.

2) REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O JORNALISMO LITERÁRIO E A CRÔNICA JORNALÍSTICA

O domínio dos recursos literários e técnicas jornalísticas passam por vários campos, como História, Psicologia e Antropologia, e outro aspecto aliado às suas origens é no século XVIII quando essas características se unem à periodicidade, autenticidade, universalidade e publicidade (GROTH, 2011). Neste sentido, um aspecto interessante é justamente a possibilidade de se acompanhar os altos e baixos da produção de um mesmo autor, uma vez que, podemos apreciar uma peça produzida e desgostar de outra que venha em seguida. Como não é padronizada, a produção é viva, em constante processo, sujeita a erros e acertos (MARTINEZ, 2017).

Vivemos em um mundo onde as pessoas não têm mais tempo para a leitura de algo mais profundo, que nos toque de algum jeito. O jornalismo literário faz dissipar essa névoa que cobre nossos olhos, amplia a nossa visão da realidade, ultrapassa os limites do nosso cotidiano. Isso não quer dizer que devemos ignorar os recursos e técnicas que aprendemos no jornalismo diário, mas sim potencializá-las, concordando com Pena (2006).

As bases da origem do jornalismo literário iniciam-se nos Estados Unidos, na década de 60. E conforme os anos foram passando, o jornalismo foi crescendo. Dentro disso, nos anos 70, Tom Wolfe com o seu *New Journalism* fez com que o jornalismo literário ganhasse um sopro de vida, permitindo um aprofundamento em suas histórias e seus personagens. O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só fariam sentido se o repórter soubesse lidar com os símbolos. Se pudesse atribuir significado a eles e, mais importante ainda, se tivesse a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor (PENA, id.)

Segundo Martinez (2017), no Brasil este tipo de jornalismo remonta ao século XX com estudos realizados em autores consagrados como Euclides da Cunha e João do Rio. Cunha é o autor mais estudado dentro desta área, pois foi quem cobriu a insurreição de Canudos para o jornal *O Estado de São Paulo*, em 1897, e deste material escreveu o livro *Os Sertões*. Já Rio fazia relatos de suas imersões na sociedade carioca no livro *As religiões do Rio*, em 1976. Contudo, no Brasil, os livros-reportagem seguem sendo o lugar privilegiado onde o Jornalismo Literário pode ser observado em toda sua potencialidade.

Deste modo, ainda que baseado em grandes obras e autores, para se praticar esse tipo de jornalismo, o profissional deve possuir uma visão ampla de um mundo humanizado e abrangente, que tenta ser compreensivo ao relatar o que há de complexo, concordando com Morin (2007). Uma vez que se tenha uma boa qualificação para a prática, é necessário um campo fértil para acolher esse material produzido.

A grande crítica ao Jornalismo Literário é a de que não há mais espaço para este gênero no mundo contemporâneo. A experiência, contudo, nos revela que há espaço sim, embora não hegemônico, e que os jornalistas talentosos conseguem, ao longo do tempo, impor seu estilo, embora não raro por meio da persistência. Muitas vezes o que ocorre é que os espaços não são aproveitados pela ausência de planejamento, conforme aponta Martinez (id).

Todos nós temos algum tipo de criatividade, no jornalismo escrevemos sobre os fatos e a realidade, mas, o lugar onde a palavra criatividade se encaixa perfeitamente é no Jornalismo Literário. A literatura permite que o jornalista dê asas à imaginação, ao mesmo tempo em que consegue retratar a realidade de forma única. Neste sentido, para o profissional, é preciso que ele tenha a capacidade de colocar no texto sua visão real, mergulhando na história, com seus sentidos em alerta, trazendo detalhes para acrescentar sentido ao seu texto, não permanecer na superfície, conforme defende Necchi (2007).

Assim, o que diferencia este jornalismo é que quando o leitor estiver imerso no texto, possa sentir-se como parte dele, deve ter a sensação de quase poder tocar as palavras que está lendo. Que seja algo além do lead e a sua documentação, uma ferramenta social transformadora, utilizada para abrir os olhos da sociedade acerca de temas muitas vezes mal explorados, outras vezes trazidos a público superficialmente, sem o lado humano e com mínimo de sensibilidade.

O trabalho com crônicas chegou oficialmente, no Brasil na metade do século XIX, trazendo a subjetividade, utilizando, na maioria das vezes, a escrita na primeira pessoa, proporcionando uma aproximação, dando a impressão de ser uma conversa direta com o leitor, criando uma visão mais íntima dos acontecimentos. Apesar da narrativa de uma crônica ser relativamente curta, retratando um fato do cotidiano, e na maioria das vezes ser lida apenas uma vez, algumas ultrapassaram a limitação temporal e essa atemporalidade pode ser atribuída ao fato dela ser também um gênero literário. Mesmo que Eagleton (2003) afirmar que a literatura não pode ser definida objetivamente, o autor aponta características literárias encontradas nas crônicas, como a utilização de uma linguagem singular no intuito de alienar o comum.

Então este tipo de escrita trouxe um modelo diferente do convencional na hora de noticiar: ela faz uso de elementos jornalísticos, utilizando da mistura de técnicas para construir os contextos e as informações. Deste modo, ainda que com desafios, a informação deve seguir adiante de modo envolvente e significativo, conforme apontam os estudos de (KOVACH E ROSENTIEL, 2003). Neste sentido Candido menciona:

A crônica não é um gênero maior. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece que a crônica é um gênero menor. Graças a Deus, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós (CANDIDO, 1992, p.13).

O profissional que percorre essa linha de escrita é considerado um intérprete da realidade atento e criterioso, de acordo com Castro e Galeno (2002). E, segundo Guaraciaba (1992) deve ser aquele que analisa a publicação da informação antes de qualquer coisa, investigando para construir.

Cada jornalista tem a sua visão de mundo; são diferentes pontos de vista para o mesmo fato. Por mais que existam métodos e técnicas dentro do meio jornalístico, a cultura, as experiências, os valores, serão diferentes de jornalista para jornalista, singularizando e o tornando único na maneira em como ele vai contar a história. A crônica proporciona liberdade de expressão, pois sua característica está ligada ao jornalismo opinativo, a visão do jornalista é envolvida na história. Já outra abordagem está na visão de Artur Távola que diz:

A literatura do jornal. O jornalismo da literatura. É a pausa da subjetividade, ao lado da objetividade da informação do restante do jornal. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória do editorial. É, pois, a expressão jornalístico-literária da necessidade de não desistir de ser e sentir. A crônica é o samba da literatura. (TÁVOLA, Jornal O Dia, 27 de junho de 2001)

Neste âmbito, este gênero é o outro lado do jornalismo, traz a face mais crítica, mais literária e humanizada, seduz o leitor, esclarece, mas, protege a informação (LIMA, 1990).

Essa perspectiva, de olhar para o outro lado, fugindo da pauta óbvia tem na figura da jornalista Eliane Brum uma grande representante. Sem subestimar as temáticas abordadas pela mídia tradicional, ela prefere observar e ouvir, não se preocupando em conseguir um furo e uma maior audiência. Ao fazer isso, a jornalista humaniza a maneira quase mecânica de fazer notícia, fazendo o seu leitor descobrir uma realidade diária, mas descrita de uma maneira nova.

A carne da minha reportagem são os “desacontecimentos”, palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também os pais, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e periferia. Sou uma repórter de “desacontecimentos.” (BRUM, 2013, p. 13)

Ao usar a palavra *desacontecimentos* a jornalista vai à contramão da grande mídia e seus padrões de produção. Escrever sobre o comum, reproduzir a voz dos “invisíveis”, lhe concede uma originalidade que a maioria das redações não possui. Nesse sentido, o jornalismo feito por Eliane desnuda os seus personagens mostrando as suas diferentes camadas e a realidade em que vivem na sua totalidade. Com isso a jornalista estabelece um novo critério de noticiabilidade, apresentando novas técnicas de reportagem e entrevista.

Minha vigília é pelas pessoas que abriram a porta para me receber e se contar, é pelo respeito que tenho pela minha vida, que se expressa na narrativa da vida de um outro. Se traísse ou permitisse que traíssem as histórias abaixo do meu nome, tenho a sensação de que elas viriam bater à minha janela, como seres a quem lhes tivessem roubados pernas e braços.” (BRUM, 2014, p. 134)

Assim, diferente da grande mídia, o seu jornalismo do “escutar”, permite a criação de uma intimidade com seus personagens, assumindo a função de mediador social, aproximando leitor do outro, ajustando o seu olhar superficial em relação a uma realidade até então desconhecida. Para Eliane toda a reportagem é única e carregada de significados:

Toda reportagem é um encontro. É algo especial e a gente sabe quando acontece. Por isso não acredito em história arrancada. Quando me perguntam qual é a minha “técnica” de entrevista, nunca sei o que dizer. Não conheço nem me interesso pelas técnicas de colegas que se orgulham de “arrancar” respostas, confissões das pessoas. Se as pessoas me contam suas histórias é porque quiseram contar, porque me deram algo precioso, sua confiança.” (BRUM, 2008, p.150)

Como diz Marcelo Rech no prefácio do livro *A vida que ninguém vê*: “até uma gota de água pode virar uma grande reportagem na mão de um grande repórter” (RECH apud BRUM, 2006, p.13). Na crônica e no jornalismo literário o jornalista pode fazer com que o leitor olhe para essa mesma gota de água, e reflita sobre a vida, repense a sua existência, tudo é possível. “Tudo é um jeito de olhar” (BRUM, id. p. 187), o jornalismo atual necessita de um pouco mais de sensibilidade, de novos protagonistas, não só os mesmos, mas os improváveis, histórias “comuns” precisam ser contadas, e merecem ganhar a devida importância. Certas diretrizes das redações jornalísticas precisam no mínimo ser repensadas, porque não dizer, com outro olhar.

Nas crônicas-reportagens que escreve, Eliane brinca com as palavras e o arsenal da literatura, utilizando-os como recurso sem abrir mão do real, deslocando conceitos importantes das redações, como objetividade e noticiabilidade, e utilizando de maneira certeira a subjetividade, conseguindo que o ordinário vire algo extraordinário. No jornalismo, Brum é uma repórter que defende que todo o jornalista precisa ir para as ruas, observar, sentir. “Aqui faço um parêntese para o que se poderia chamar de a arte de olhar, ou uma campanha pela volta dos sapatos sujos” (BRUM, id, p.190).

Eliane Brum procura nos acontecimentos que não viram notícias as suas histórias, ela mergulha no cotidiano, na vida das pessoas comuns para compor a substância das suas escritas. Suas crônicas-reportagens se definem através da sua sensibilidade e do olhar apurado de uma repórter que, como ela mesma diz, para sobreviver, precisa transformar dor em palavra escrita. A jornalista consegue encontrar um equilíbrio entre crônica e reportagem, ao ponto de não sabermos definir se seus textos são reportagens, crônicas ou uma mistura única dos dois elementos.

2.2 O JORNALISMO PAUTADO NA OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE

É possível pensar que o jornalismo surgiu a partir das necessidades subjetivas que os momentos solicitaram, criando assim, novas formas de sentidos e confirmou diferentes valores que se estabeleciam na modernidade. O papel do jornalista é construir narrativas do cotidiano, a partir de observações cuidadosas dos fenômenos sociais e do meio em que vive. Para construir histórias de modo que sejam palpáveis e transmitam sentimentos, o comunicador precisa compreender esses fenômenos para poder contá-los.

Como já dito anteriormente, no momento atual em que vivemos, o jornalismo é pautado pelo imediatismo, além da lógica do mercado, de modo a tornar a ética jornalística algo suscetível a interpretações. Diante de tal cenário, o jornalismo precisa se adaptar. Magalhães (2010, p.19) menciona que, “o jornalismo em especial o impresso, ocupa um lugar privilegiado para investigações das questões éticas intrínsecas às transformações nas formas de subjetivação.” Desta forma, como pode o jornalista construir as suas narrativas apenas com os fatores objetivos, sem compreender a complexidade da realidade e sem estar solidário e sensível ao fato em si? Talvez ele não consiga, vai depender do seu senso crítico e de sua ética enquanto profissional, e do desenvolvimento da sua sensibilidade.

Contudo, o observador possui certa dificuldade no retirar ou distinguir a sua subjetividade, ainda que a objetividade mencione o contrário. Compreendemos que dentro da sua postura ética não deve ser implicado o processo de abrir do seu posicionamento, pois é, inevitável dar pesos distintos a certos elementos; não há como isentar a subjetividade na escrita. Porém, há que se cuidar para não negligenciar certos fatos, é preciso ser responsável no texto jornalístico (RIBEIRO JUNIOR, 2001).

Assim, a ética jornalística caminha em direção à objetividade, mas sem perder de vista a subjetividade, e sempre que falarmos em ética, também tratamos sobre responsabilidade jornalística. Neste âmbito a responsabilidade dentro do jornalismo é mais complexa, pois o sujeito é um objeto no discurso, e sua construção é determinada pela postura ética de quem conduz esse processo (AMORIM, 2004). Porém, o exercício do jornalista mescla entre a objetividade e a subjetividade, seus princípios fundadores refletem sua postura ética na construção do seu objeto. No entanto, a dimensão da sua narrativa vai muito além da humanidade, constroem mundos, ele se torna um autor de narrativas contemporâneas, concordando com Essensfelder (2016).

Talvez o grande segredo, não é segredo para ninguém, o grande jornalista sabe escutar as suas fontes. Ao escutar, o jornalista enriquece as suas narrativas e dá o direito aos seus personagens de serem compreendidos. A ética na escuta coloca o jornalista no papel de personagem, e faz dele os olhos das fontes que compõem a história. A dignidade humana é respeitada quando pessoas têm a oportunidade de expressar suas experiências de vida através da narrativa (WARD E & WASSERMAN, 2015).

A subjetividade pode surgir como uma grande ferramenta para o jornalista que prefere escutar seus personagens, romper as amarras das redações, dos ideais mercadológicos e políticos do jornalismo diário. É bater de frente contra o conteúdo que é feito nos dias de hoje, um conteúdo baseado na fala, com pouca escuta e olhar, com o mínimo de humanidade nas palavras.

A palavra subjetividade pode não ter uma única definição, mas no jornalismo a subjetividade pode ser sinônimo de sensibilidade, do que está escondido nas palavras, o que nos faz enxergar e sentir. Metade, talvez menos de uma reportagem é o dito, a outra metade é o percebido. Como afirma Brum (2006, p.91), “olhar é um ato de silêncio”. A sensibilidade no jornalismo é pautar o inusitado, é transformar o óbvio em algo que ninguém espera, é tocar o leitor a ponto de que as palavras ecoem nele por algum tempo.

Para Restrepo (1998) o que diferencia o homem de uma máquina é a sua capacidade de se emocionar e criar relações afetivas. Quando o leitor se emociona ao ler uma reportagem, também de alguma forma pode ativar algum tipo de lembrança ou fato da sua própria história. E cabe ao jornalista apurar o seu olhar para descobrir o que pode emocionar o seu público, procurar novas abordagens, principalmente em fatos que para quaisquer pessoas passariam despercebidos. Como a jornalista Eliane Brum gosta de dizer: “Eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro, embora ache que seria uma história e tanto” (BRUM, id, p. 187).

Cabe ao jornalista o dever de, a partir do singular, produzir relatos verazes, versões verossímeis. A expressão dos sentidos da consciência não se obtém exclusivamente através das versões das fontes oficiais. Ao contrário, na maioria das vezes “a visão particular sobre as ações humanas” se conquista quando se dá voz a quem, em geral, é negado esse direito – as pessoas comuns, os anônimos. (IJUIM; SARDINHA, 2009, p. 158).

Assim, para cada jornalista a mesma pauta vai receber um olhar diferente, e para cada leitor aquela narrativa vai ser interpretada de uma maneira única. Apesar da maioria dos veículos de comunicação levar em conta os conceitos da objetividade e imparcialidade, a subjetividade está presente em qualquer profissional de imprensa, desde

a sua formação às suas experiências de vida. O jornalista que tem a sua sensibilidade apurada, não está suscetível de falhas, mas tem menos chance de errar, principalmente por respeitar o seu leitor e se preocupar em olhar nos olhos e escutar suas fontes.

2.3. A ÉTICA NO JORNALISMO

No ano de 1985, foi elaborado o Código de Ética dos Jornalistas que, aprovado pelo Congresso Nacional de Jornalistas ajudou a organizar a classe internamente, e a definir a questão de responsabilidade sobre o texto vinculado na imprensa. Este código ilustra como o meio compreende o funcionamento do jornalismo, apresentando os valores que traduzem em como a palavra responsabilidade é interpretada pela classe. A ética profissional sempre serviu como uma bússola para orientar e gerir questões trazidas no âmbito jornalístico e, ao longo da história, a imprensa passou por vários dilemas e encruzilhadas precisando escolher qual rumo seguir. Karam (2004) ao falar de ética no jornalismo ressalta que ao noticiar lidamos com algo que parte de valores constituídos humanamente para chegar a atos praticados humanamente.

Para alguns o jornalismo agoniza e vive seus últimos dias, mas se olharmos com atenção, nunca a mídia esteve tão em foco na vida das pessoas. Além da velocidade em que recebemos informações, profissionais da imprensa receberam a concorrência de meios tecnológicos de disseminação de conteúdo, feitos por pessoas que não são profissionais da área. Conteúdos muitas vezes de caráter duvidoso, sem o mínimo de controle e apuração, em grande escala em períodos cada vez mais curtos, a ponto de nem conseguirmos assimilar a informação, e já estarmos recebendo uma nova onda delas. Apesar disso, Karam comenta que:

Os valores clássicos do jornalismo significam defender a própria atividade como específica e incontornável; que o jornalismo é mais do que aventura ou acaso; é a razão de ser da controvérsia pela qual se valora e decide sobre o mundo imediato da forma mais lúcida possível; e que está na base da vitalidade democrática (KARAM, 2009, p. 26).

Assim, ainda que com a contemporaneidade os pilares do jornalismo precisam sempre estar fundamentados na moral e na ética, pois são estes valores que separam o jornalismo sério do resto, mas como manter esses valores em um mundo cada vez mais caótico e na contramão da realidade? A credibilidade e legitimidade do jornalismo estão em crise. A descrença nos veículos de comunicação a partir da fiscalização moral do meio social coloca em xeque o sentido ético do jornalismo. Isto faz o jornalista ser pressionado cada vez mais nas escolhas das suas narrativas e na exatidão dos fatos (KARAM, 2009).

Não que o surgimento de novas formas de mídias, com estéticas e linguagens próprias, devido a aparente crise do jornalismo, não seja algo bom para o profissional da

área. Bem pelo contrário, o jornalista tem uma grande chance de se renovar como formador de opinião, as possibilidades são infinitas, principalmente nos seus valores morais e éticos, no pensar a valorização do seu conteúdo e a qualidade do seu material. Hoje, o jornalista precisa criar narrativas interessantes que leve o leitor a sair da sua bolha de informações fazendo enxergar, e, sobretudo, respeitar outros pontos de vista, diferentes dos seus. Isso implica provocar o leitor a não reduzir o mundo apenas ao seu próprio universo de experiências (FREITAS; BENETTI, 2015).

Na chamada Sociedade da Informação e do Conhecimento, que fiscaliza e confronta o fazer jornalismo, o jornalista talvez nunca antes tenha precisado colocar tanto os seus valores éticos em pauta, ser o mediador do que é certo e errado na sociedade acelerada e sedenta por informação em que vivemos hoje. Para Karam o surgimento de novas formas de distribuição de conteúdo coloca o jornalismo em uma condição onde precisa aceitar o seu papel nessa nova página da história, tratando que:

Se o jornalismo teve, como profissão, a incumbência de vigilante social, de guardião do interesse público – de forma ideal –, também sempre viveu à sombra de certos constrangimentos (um conflito que o atravessa desde seu surgimento, já que os negócios, de um lado, exigiam certos limites operacionais – econômicos, políticos, ideológicos... – e, de outro, necessitavam ampliar o público para torná-lo consumidor e, portanto, tal público deveria ser heterogêneo também desde a perspectiva política, econômica, ideológica...). Estaria tal contradição – na medida em que permanece e se amplia – constrangida pelo surgimento de novos produtores de conteúdo e de novas mídias que encurralam o jornalismo nos interesses estritamente particulares e o obrigam a corrigir-se e justificar-se moralmente na sociedade? (KARAM, 2009, p. 18).

Se levarmos em conta a variedade de informação, também a velocidade em que esse conteúdo é propagado, o trabalho de apuração desse material precisa de o mínimo refinamento textual. Para quando chegar ao público possa ser entendido, assimilado e debatido, passando por esses processos, ser compartilhado com o intuito de retornar em forma de conhecimento qualificado. E ao analisar esse material surge uma série de dilemas na vida do jornalista e um desgaste natural se cria, quando o mesmo precisa colocar a notícia acima dos seus os valores.

Embora os limites da ética jornalística muitas vezes sejam claros e os princípios pessoais solidificados esses aspectos diariamente são colocados a prova. No papel de mediador, o jornalista, além de filtrar o que vai chegar à população com o intuito de informar e esclarecer deve analisar o seu próprio conteúdo no âmbito moral e ético. Porque independente do veículo da mídia e da forma de contar suas histórias e apurar os

fatos, o que vai contar no fim das contas é a sua ética profissional e as experiências de vida que carrega na bagagem.

Ao tratarmos de ética no jornalismo estamos falando em valores, por isso fica quase impossível definirmos com certeza qual o caminho escolher. O que para uns pode ser algo abominável, para outros um grande feito, em uma determinada situação, uma escolha seja melhor que a outra. Em tal direção Bonete fala:

A ética em sentido rigoroso remete sempre a conceituação, fundamentação, justificativa racional, etc, de uma determinada moral vivida, de determinados valores imperantes ou ideais; tarefas intelectuais que nos indicam certo nível de abstração e generalização, uma preocupação reflexiva própria das teorias filosóficas. (BONETE PERALES, 1995, p.22)

Pode-se dizer que em um determinado momento a ética do jornalista converge com a do cidadão comum, o tornando um ser ao mesmo tempo profissional e político. Por isso é fundamental defender os valores clássicos do jornalismo, fazendo isso, significa defender a própria atividade, é por meio dela que os fatos do mundo se desenrolam e são mostrados aos olhos da sociedade.

O jornalista precisa da forma mais lúcida possível, ser a razão que norteia o imediatismo do mundo moderno e, sempre se colocar como uma ponte entre os seus personagens e seus leitores, fundamentada na ética e nos seus princípios. Princípios estes, que podemos usar como exemplo no jornalismo literário, no qual nota-se um lado mais subjetivo, mas que não pode ultrapassar o limite do lado objetivo, para não comprometer o seu código ético.

A expressão jornalismo literário merece uma atenção especial. A união da literatura com o jornalismo precisa ser tratada com cuidado, porque embora utilizem o jornalismo como fonte principal ele possui discursos totalmente distintos. Embora possa pegar elementos da literatura para ampliar horizontes, ele não pode esquecer que a prática jornalística é uma ferramenta que forma opiniões e deve ser pautada na ética e na verdade.

Existe certa dificuldade para conseguir inserir o jornalismo literário nos veículos tradicionais, no entanto isso não diminui a sua importância e não invalida o seu estilo. Se hoje o jornalismo literário não é usado como uma força transformadora do jornalismo diário, o gênero, em outros meios de comunicação consegue seu papel na sociedade com o mesmo grau de importância.

Contudo, é preciso relevar a importância em se preservar a ética profissional e a responsabilidade social do jornalista. Porque cada jornalista carrega seus valores e experiências pessoais adquiridas durante a vida. E quando se expressam e resolvem

transmitir a informação para o seu público, independente do estilo da sua da escrita, do veículo em que trabalham, devem respeitar os deveres jornalísticos e as bases fundamentadas da profissão.

3) UM OLHAR SOBRE ELIANE BRUM

Eliane Brum nasceu em 1966, na cidade de Ijuí, no Rio Grande do Sul. As palavras viraram sua amiga muito cedo, com sete anos já dava vida às suas histórias. Seu primeiro livro, *Gotas da Infância*, saiu quando ela tinha 11 anos, depois de seu pai reunir todos os textos escritos por ela. Depois do livro um hiato foi criado e o reencontro com as palavras só aconteceu quando cursou jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Concluiu o curso em 1988, de lá para cá virou referência, um ponto fora da curva no meio jornalístico, com sua escrita diferenciada, sempre à procura do olhar que mais ninguém vê.

Trabalhou no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, durante 11 anos, neste tempo escreveu dois livros, *Coluna Prestes: o avesso da lenda* (Artes e Ofícios, 1994) e *A Vida que Ninguém Vê* (Arquipélago Editorial, 2006). No primeiro a jornalista refez, após 70 anos, a marcha de 25 mil quilômetros da tropa rebelde pelo país. O segundo livro traz histórias curtas, mas cheias de sensibilidade, sobre pessoas “invisíveis”, que nunca teriam voz no jornalismo convencional.

No ano 2000 foi para revista *Época*, onde trabalhou por 10 anos como repórter especial, desta fase surgiu o elogiado, *O Olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (Globo, 2008). No livro, Eliane escolhe dez grandes reportagens da sua carreira e conta seus bastidores. Às vezes me perguntam “Como tu arranca essas coisas das pessoas?”. Eu não arranco nada! Para mim, arrancar é o contrário do que um repórter deve fazer. As pessoas me contam ou elas não me contam (BRUM, 2017). Uma *Duas* (LeYa Brasil, 2011), que trata do relacionamento entre mãe e filha, foi a primeira ficção da jornalista. Em 2013 lançou o livro *A Menina Quebrada* (Arquipélago, 2013), que reunia 64 de suas crônicas e artigos de opinião publicados no site da revista *Época*. A jornalista, desde 2011, também acompanha a situação das pessoas atingidas pelas obras da Hidrelétrica de Belo Monte.

A jornalista também se aventurou no cinema, seu filme de estreia foi *Uma História Severina* (Imagens Livres, 2005), participando na direção e no roteiro. No filme, Severina, pernambucana, pobre e analfabeta, grávida de um feto anencéfalo, em busca de autorização judicial para interromper a gestação.

Em novembro de 2013 estreou a sua coluna quinzenal, em português e espanhol, no jornal *El País*. Desde 2018, mantém uma coluna quinzenal no jornal *El País* impresso, de Madri. É também colaboradora do jornal britânico *The Guardian*, Inglaterra. Também

mantém atualizada a sua página no Facebook, onde disponibiliza seus textos e expõe seu olhar sobre os mais variados assuntos do Brasil e do mundo. No ano de 2014, Eliane voltou a sua infância no livro *Meus Desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras* (LeYa, 2014).

No ano passado a jornalista lançou *Brasil, Construtor de Ruínas* (Arquipélago, 2019). No livro Eliane analisa através da sua coluna no *El País*, o governo Lula, os primeiros cem dias do governo Bolsonaro, além de outros temas como racismo estrutural, novo feminismo, crescimento dos evangélicos, entre outros. Eliane Brum sempre tratou com cuidado e carinho as palavras que escreveu, prova disto é os mais de 40 prêmios ganhos por ela ao longo dos anos, elevando-a a categoria de uma das jornalistas mais premiadas do Brasil. Sempre quando perguntada, ela se autointitula uma “escutadeira”, o ato de escutar vai muito além de não interromper a fala, mas, sim de acolher seus argumentos, ainda que os argumentos não sejam claros, ou que não seja dito aquilo que gostaríamos de saber (BRUM, 2008).

A jornalista possui um olhar diferente em que a realidade se mostra para ela como ela realmente é, ao observar o mundo ao seu redor ela consegue perceber coisas que o olho comum não vê, e isto faz toda a diferença nas suas narrativas. Nadando contra a corrente, a jornalista prefere dar voz a quem não a tem, a jornalista sente que tem o compromisso com aqueles que estão à margem da narrativa. Assim, Brum (2010) menciona que “não existe nada mais brutal do que não ser contado na história. Foi isso que sempre me moveu e eu é que vou lutar pela voz dessa pessoa para levar aos leitores uma reportagem com a complexidade da realidade.”

Não é à toa que Eliane Brum se tornou referência no jornalismo brasileiro devido à profundidade das suas investigações e principalmente pela sensibilidade nas suas narrativas. A jornalista traz um teor mais literário para seus textos, sempre mostrando um ponto de vista diferente para o leitor refletir sobre as questões políticas e sociais de que tratam. Eliane escuta primeiro, para depois contar as histórias de seus personagens, revelando o valor e as experiências de cada um deles.

A jornalista sempre destacou a importância da escuta do outro, preservando a sua oralidade e o sabor da fala de seus interlocutores.

A leitura e a escrita nos permite ser outro, e isso nos humaniza, quando tu falas nas singularidades, do meu texto, esta singularidade vem das pessoas que eu escuto. Às vezes me dizem como tu escreve de forma poética, que delicadeza, mas não é mérito meu, se eu tenho algum mérito é ser capaz de escutar” (BRUM, *informação verbal*, 2013).

Na construção de uma narrativa, seus personagens e suas experiências de vida, são fundamentais para o leitor identificar-se subjetivamente com momentos que cada um guarda dentro de si ao longo da vida. O ponto central nos textos de Eliane Brum é o ser humano, é dar voz aos que não têm, trazendo à tona todas as camadas dos seus personagens. (FONSECA; SIMÕES, 2011). No livro “A vida que ninguém vê”, da jornalista, ela reúne 23 crônicas sobre pessoas comuns em situações do cotidiano. Nestes textos como comenta Candido (1998) “as fontes são humanizadas e, por isso, as suas histórias de vida aproximam ainda mais o leitor pelo mecanismo de identificação.” Eliane, que se intitula uma “escutadeira”, também é uma observadora da realidade, do jeito mais puro e simples que se materializa diante dos nossos olhos. A jornalista coloca nas suas narrativas nada mais do que a verdade dos fatos, mas sempre através dos olhos e voz dos seus personagens.

As palavras, a diversidade, a riqueza de linguagem, os achados, o ritmo, que existe nos meus textos, vem destas pessoas que me honram com suas histórias, o que eu faço é apenas escutá-las e transformar isso em palavra escrita, respeitando fundamentalmente a oralidade delas” (BRUM, informação verbal, 2013).

A vida é feita de histórias, e o jornalista ao escolher as palavras que vai usar para contar estas histórias, têm o intuito de dar sentidos a elas, na esperança de que transforme o leitor de alguma forma.

A vida é caos, a vida a rigor não tem nenhum sentido dado, no geral as pessoas criam sentido nas suas vidas com muito pouco, e nesse sentido é saber como cada um inventa uma vida, por que a nossa vida é a nossa primeira ficção” (BRUM, informação verbal, 2013).

Para Eliane Brum todo o ser humano é digno a contar sua história e a sua missão é dar uma chance para esses “invisíveis” aos olhos da sociedade ser ouvidos pelo menos uma vez na vida. A sensibilidade nas suas palavras ecoa toda a dor, angústia e tristeza de seus personagens, as suas narrativas trazem à superfície sentimentos e reflexões a todos que forem de encontro com as suas palavras.

3.1 A VIDA QUE QUASE NINGUÉM VÊ

No fim do ano de 1998 foi proposto a Eliane Brum criar uma coluna no jornal gaúcho Zero Hora, um dos principais jornais fora do eixo Rio-São Paulo, as edições de sábado, em que a jornalista escreveria sobre pessoas comuns em situações corriqueiras. Para qualquer jornalista essa tarefa seria um grande desafio. Mas não para ela, que ao longo de quase um ano, assinou a coluna “A vida que ninguém vê”, que teve ao todo 46 crônicas, nas quais deu visibilidade a personagens invisíveis aos olhos menos treinados. Eliane observou, escutou e escreveu, juntou o bruto e transformou em algo sensível e belo, conseguindo usar as palavras para relatar o comum e no quanto ele pode ser extraordinário.

O trabalho de Eliane Brum se concentra nas histórias de gente que muitos colegas de profissão não entenderiam como “boa fonte” ou possivelmente sequer enxergariam. O encontro com esses “humanos anônimos”, termo cunhado por Kotscho, levou-a transformar “histórias pequenas” agora expressão que ela própria usou, no típico jornalismo que rompe a barreira da informação fria e distante para colocar o leitor diante de um retrato do mundo no qual ele pode se enxergar, ou, pelo menos, ver o outro de modo de se comparar a situação alheia com sua experiência própria e com o qual se emociona, se entretém e, em alguns casos se diverte“(FONSECA, SIMÕES 2011, p.13).

Em 2006, Eliane Brum, reuniu 21 das suas crônicas, publicadas na sua coluna, e publicou o livro que leva o mesmo nome. No livro além das 21 crônicas, são acrescentados dois textos de dois personagens marcantes de suas crônicas e um inédito contando o que há por trás dessa vida que quase ninguém vê. No livro a jornalista se aprofunda no cotidiano para dar protagonismo a personagens comuns e mostrar que toda a história se bem contada tem sempre algo de extraordinário no seu sentido.

Sempre gostei de histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. Oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro. Embora ache que seria uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. Esse é o encanto de *A vida que ninguém vê*: contar os dramas anônimos como os épicos que são, como se cada Zé fosse um Ulisses, não por favor ou exercício de escrita, mas porque cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma Odisséia” (BRUM, 2006, p.187).

Sob o olhar atento de Eliane, as histórias contidas ao longo das páginas revelam realidades do dia a dia de pessoas que ao longo da vida provavelmente passariam

despercebidas, mas que em suas narrativas ricas e cheias de sentimentos nos faz refletir e pensarmos se olhamos o mundo da maneira justa.

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tens que ir para o mundo do outro, sem os teus preconceitos, sem os teus dogmas e, principalmente, sem as tuas certezas, com a coragem e o respeito de se arriscar a uma realidade que não é tua, e se espantar com essa realidade” (BRUM, 2008, p. 14).

Nas suas pautas Eliane Brum sempre propõe algum tipo de provocação aos grandes meios de comunicação ao noticiar “o homem que mordeu o cachorro”, e não o contrário, diferenciando-se completamente da cultura jornalística convencional. Assim, suas narrativas são pautadas pelos desacontecimentos, destoando do tradicional, evidenciado por Sodré (2009), ao discorrer sobre o discurso do acontecimento, onde a matéria-prima jornalística é o fato bruto ou a ocorrência, isto é, a totalidade daquilo que é dado à intuição empírica.

E por escolher protagonistas anônimos para compor suas histórias, Eliane se apropria de fatos normalmente desconsiderados por jornalistas ao pautar suas reportagens diárias. O interesse em mostrar o cotidiano das pessoas a desvincula do fazer midiático tradicional centrando-se, assim, na noticiabilidade do desacontecimento. “Ao se interessar por histórias rotineiras de gente comum, Brum rompe com o “código de produção dos acontecimentos” (SODRÉ, 2009, p.98).

Nas suas palavras, a jornalista se considera uma repórter de desacontecimentos: “Escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal” (BRUM, 2013, p.13). Ao fugir do óbvio, Eliane Brum é luz na escuridão, é o desacelerar de um mundo onde ninguém mais enxerga o outro. Suas palavras são utilizadas para humanizar o homem que cada vez fica mais desumano e para buscar olhar o invisível em lugares onde os desacontecimentos são o que realmente valem a pena serem mostrados.

Lá no fim daquela esquina, ao dobrar, Eliane encontra outro de seus personagens, como o mendigo que rasteja entre pessoas que passam apressadas por ele, o pai que carrega a sua filha em uma caixa de sapato para enterrá-la em uma vala comum ou a menina que pede dinheiro no sinal. É na difícil arte de viver, que a jornalista encontra o seu lugar. Neste sentido, o jornalismo de Eliane Brum busca amplificar as vozes silenciadas que compõem a realidade social, de modo que o maior número de pessoas

consiga ouvi-las. Ao olhar, ouvir e respeitar o ritmo de seus personagens, a jornalista consegue criar um fazer jornalístico sensível e verdadeiro, assim contribuindo para um trabalho noticioso mais honesto e ético.

4) METODOLOGIA

A proposta deste trabalho se baseia nas linhas teóricas da pesquisa qualitativa que busca compreender os acontecimentos cuidadosamente, fazendo com que o pesquisador se aproprie dos detalhes, conseguindo assim uma melhor compreensão da experiência (GODOY, 1995). Dentro disso, ao lado dos estudos bibliográficos, foram utilizadas as técnicas do grupo focal para a coleta de dados.

O grupo focal se define como um recurso para interações mediadas que ocorrem sobre um assunto específico a fim de aprofundar questões e conceitos sobre determinados assuntos (MORGAN, 1997). Alguns pesquisadores recorrem ao uso do grupo focal no intuito de reunir informações necessárias para a tomada de uma decisão, outros os veem como promotores da autorreflexão e da transformação social.

O método também é utilizado na exploração de temas que não são tão conhecidos, visando o delineamento de pesquisas futuras. Pode-se dizer que o uso dos grupos focais está relacionado com os pressupostos e premissas do pesquisador. A técnica escolhida facilita a avaliação do confronto de opiniões, já que assim se tem maior clareza do que as pessoas isoladamente pensam sobre um tema específico.

Neste sentido foram elencadas cinco crônicas retiradas do livro “A Vida que Ninguém Vê”, da jornalista Eliane Brum, como tema motivador, sendo elas: “Enterro de pobre”, “O sapo”, “O menino do alto”, “O encantador de cavalos”, “Sinal fechado para Camila”. A escolha especificamente destas crônicas se dá pelo fato de que os cinco personagens dessas narrativas remetem à realidade social em que vivemos de forma dura e direta.

Assim, foi realizado um encontro online (grupo focal) pela plataforma Google Meet, no dia 17 de setembro de 2020, em razão das dificuldades encontradas devido à pandemia do Covid-19, formado por sete integrantes, sendo eles: a professora e orientadora Rosana C. Zucolo, de 60 anos de idade, o mediador, graduando em jornalismo, Fabian Lisboa, de 37 anos de idade e os entrevistados, Adriana Aires, jornalista com idade de 38 anos, Paola Saldanha, jornalista, com 24 anos, Deivid Pazatto, jornalista, de 25 anos, Lara Cornélio, 27 anos, professora de teatro e Jean Jents, 24 anos, estudante de filosofia.

Para a coleta de dados se teve como base a leitura das crônicas “Enterro de pobre”, “O sapo”, “O menino do alto”, “O encantador de cavalos”, “Sinal fechado para Camila”, do livro “A Vida que ninguém Vê”, da jornalista, Eliane Brum, que foram discutidas por

meio do grupo focal, onde se teve como mediação as seguintes perguntas: ao priorizar a subjetividade na escrita jornalística, o repórter pode provocar transformações? Há outras maneiras de fazer um jornalismo diário mais humanizado? Existe espaço para o jornalismo literário no momento atual em que vivemos? Como a leitura dos textos de Eliane Brum impacta diferentes leitores? Neste sentido tais respostas foram utilizadas para compor a análise dos dados.

4.1. As crônicas/reportagens

A carta escrita em 1500 por Pedro Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, que se dirigia ao rei D. Manuel I (1469-1521), descrevendo o primeiro contato com os nativos e o estranhamento causado por todos estarem nus, é apontado por registros históricos do Brasil como a primeira crônica escrita. A crônica faz parte da história do país, e data dos primórdios da formação da leitura no Brasil. As transformações sofridas pelo gênero até a contemporaneidade se confundem com o jornalismo moderno.

Utilizada para descrever fatos do dia-a-dia a crônica adotou a subjetividade e traços literários e se transformou a ponto de ser considerada por alguns teóricos como algo tipicamente brasileiro. Por normalmente utilizar a escrita em primeira pessoa, cria-se uma sensação de proximidade com o leitor, mostrando uma visão pessoal dos acontecimentos.

No jornalismo tradicional, para se produzir um texto jornalístico segue-se uma estrutura já estabelecida, conhecida como pirâmide invertida, nesta técnica a reportagem inicia pelo led, a introdução da matéria, o fio condutor da história. Nele precisa conter as respostas dessas perguntas: O que? Quando? Onde? Quem? Como? E por quê? Já no gênero crônica não existe restrições sobre uma linguagem utilizada, nem normas ou regras para serem obedecidas.

No início a crônica era utilizada para descrever fatos do cotidiano, ao longo dos anos foi se afastando dessa premissa, e passou a ser mais literária e amena. O motivo disso foi a inserção do autor brasileiro como participante da imprensa. Estes utilizavam as suas crônicas para relatar os costumes do povo, assim surgiu a expressão, crônica à brasileira. Com a mescla do jornalismo com a literatura o papel do jornalista não mudou, só foi ampliado, por que além de contar, ouvir e escrever histórias, ela passou a precisar sentir. Histórias simples, corriqueiras, acabaram por ser tornar grandes e extraordinárias.

De certo modo, a crônica faz uma troca quando se aproveita do ambiente jornalístico, enquanto este se aproveita dela como o espaço despojado do jornal, livre do compromisso da verdade objetiva. As opiniões presentes no ato de informar, somadas as possibilidades criativas da literatura, proporcionam ao gênero transitar entre duas importantes esferas do conhecimento. Portanto, quando pensamos no fazer jornalismo, a crônica revela-se como uma ferramenta indispensável para qualquer redação jornalística.

5.1.1. Enterro de pobre

Na crônica, Antônio, um homem esculpido pelo barro de uma humildade mais antiga do que ele (BRUM, 2006, P.36), um homem pobre vivendo com o mínimo do mínimo, que nem ao menos consegue ver o rosto do filho recém-nascido que acaba de ser sepultado:

Quem diz é Antônio Antunes. Ele acabara de sepultar o caixão do filho cujo rosto desconhece. O bebê de 960 gramas que morreu ainda no ventre da mãe. Antônio quis espiar a face do filho por um momento, mas a funcionária que foi buscar a criança na geladeira não deixou.” (BRUM, 2006, p.36)

Nas palavras da jornalista ao longo da narrativa podemos perceber o sofrimento de não ser ouvido, de não ser visto. Após Antônio enterrar o filho que nem conheceu precisa voltar a sua realidade, essa, de quem não tem nem dinheiro do ônibus para voltar para casa. Ao acompanhar a história de Antônio, o leitor sente com ele a dura realidade de quem não tem nem o direito de morrer com dignidade. A morte do pobre é diferente da morte do rico, não pela morte, mas sim pela vida.

Para Eliane a invisibilidade do personagem, também é dos seus antepassados e de seus descendentes, e que a sina do pobre destinada a muitos Antônio, anônimos, que vivem por aí, é viver em uma realidade em que a sociedade não a enxerga. É a partir dessa constatação, então, que a repórter vai pautar o seu ofício: é necessário olhar para o cotidiano em busca do extraordinário dessas pessoas. Diferente do que a imprensa tradicional busca, a jornalista procura descortinar o que existe de comum na existência humana.

5.1.2 O Sapo

Em “O Sapo”, Eliane conta a história do paraplégico Alverindo, por quem passava quase todos os dias na Rua da Praia, em Porto Alegre, “lambendo com a barriga as pedras

da rua (BRUM, 2016, pg. 60)”. Toda a vez que passava por ele o via, mas não enxergava, quando a jornalista resolveu escutá-lo descobriu que Alverindo era mais conhecido como Sapo, devido à ausência de forças nas pernas que o faz rastejar. Sapo é um pedinte que há 30 anos frequenta a Rua da Praia pedindo esmola.

Após ouvir a sua história, Brum, pode descobrir toda uma teia de pessoas e situações que fazem parte da vida daquela figura peculiar, como um motorista e segurança particular e uma namorada. A jornalista ao olhar para Alverindo, o Sapo, que enxerga o mundo de baixo para cima, conheceu um ser humano com um senso de humor encorajador. Também transpassou para um mundo onde na maioria das vezes se enxerga apenas uma camada e não se percebe a complexidade e inúmeras camadas que as ruas escondem dos nossos olhos.

Na maioria das suas narrativas Eliane escolhe em um primeiro momento mostrar o grotesco, o peculiar, para depois dar-se a virada do personagem, assim fazendo o leitor refletir por um tempo, muitas vezes se colocando dentro daquele contexto. Essas estratégias de representação acabam por se mostrar eficiente instrumento de significação. Ao ignorar os critérios tradicionais de noticiabilidade, a jornalista sempre prioriza o contrário, os desacontecimentos, buscando o que está escondido, o extraordinário de vidas ordinárias.

5.1.3 O Menino do alto

A história do menino Leandro, morador de um morro de Porto Alegre, que com 12 anos foi atropelado perdendo assim o movimento das pernas, mas que do alto da sua cadeira improvisada, com todas as dificuldades que a vida lhe impôs deseja realizar seus sonhos. Aqui a jornalista utiliza uma escrita ora narrada, ora comentada, como no seguinte trecho: Quando os doutores disseram que nada mais poderiam fazer por ele, o pai arranhou uma porta velha, bichada e sobre ela deixou o filho. Com ajuda dos parentes, carregou-o até o alto do seu destino (BRUM, 2006, pg. 72). Para depois comentar: Não foi o acidente que roubou a liberdade do menino. Não foi o traumatismo craniano que retorceu seus pés. Foi crime (BRUM, pg.73).

Assim, quando a jornalista narra a cena do menino em cima da porta sendo carregado, a tendência é que haja um distanciamento maior em relação aos fatos. Enquanto que ao comentar que o menino sofreu um ato criminoso, pressupõe um comprometimento. Com essa técnica de alternar estilos de narrativa, aproxima o leitor do personagem, fazendo com que ele seja conduzido por Eliane até o final da história. Em

certos momentos pela visão dela em outros pela visão do leitor. Nesta troca que a jornalista faz com seu leitor, os dois seguem pelo mesmo caminho, mas cada um construindo o seu olhar sobre os fatos.

5.1.4 O Encantador de cavalos

Eliane inicia o texto com uma linguagem cinematográfica destinada ao menino, onde ela fala que ele tem a sua cabeça a prêmio nas ruas de Porto Alegre, um ladrão como nos faroestes americanos. Conhecido pelas suas habilidades em montar e roubar cavalos, já ganhou fama pelas ruas da capital gaúcha. Mais uma vez a jornalista foge do convencional para contar uma história, onde figuras de linguagem como “os cascos da realidade esmagaram os sonhos do menino e fugiu de muletas em busca de seu “Pégasus” são usadas de forma subjetiva para o leitor imaginar essa dura realidade, com toques de fantasia, por que não dizer, através do olhar e da imaginação de uma criança.

A jornalista também utiliza a história do menino para fazer críticas ao serviço social, em muitos pontos do texto, como nas crônicas anteriores, fazendo uma dança entre o jornalismo convencional e a literatura. Como em um ponto do texto onde utiliza a fala do menino, para logo ali na frente sutilmente introduzir a literatura na narrativa, utilizando palavras como, cavaleiro solitário.

A versatilidade de Eliane é algo raro no jornalismo praticado nos dias de hoje. Ela sabe como poucos usar artifícios da literatura, para tirar a rigidez da objetividade jornalística ao mesmo tempo em que provoca no leitor uma inquietação diante da notícia que lhe é narrada. Ao desvencilhar-se do compromisso dos sentidos previamente estabelecidos, o jornalista pode expandir os seus sentidos e criar novas maneiras de se expressar.

5.1.5 Sinal fechado para Camila

Camila, pedia dinheiro nos sinais de Porto Alegre, com 6 anos entrou na Febem pela primeira vez, e com 10 morreu. A crônica conta a história da menina que se parece com tantas outras crianças que existem espalhadas pelos sinais de trânsito no país. Para contar a história de Camila, a jornalista inicia a crônica com o trecho da música que a menina cantava nos sinais, quando pedia dinheiro: “Tio lindo, tia linda do meu coração. Eu pergunto a você se não tem um trocadinho ou uma fichinha pra essa pobre garotinha (BRUM, pg. 126).”

A reportagem vai sendo construída para apresentar ao leitor o triste destino da menina Camila, que após fugir da Febem, resolveu mergulhar no rio Guaíba, com mais cinco amigas e como não sabia nadar, morreu afogada. No fim da breve reportagem sobre a menina Eliana encerra assim:

Talvez você se lembre de Camila. Talvez não. Sua marca registrada, além da cantoria dos cruzamentos, eram os dedos indicador e médio eternamente na boca. Sua imagem desvalida não voltará a assombrar as janelas sob os sinais. Camila morreu. Mas os versinhos de Camila cruzaram o ar e semearam as esquinas. Não se iluda. Você não vai escapar. Há um exército de Camilas pela cidade. Haverá sempre uma delas tentando arrombar o vidro do carro com a urgência da fome. Camila morreu. Você, e eu também, somos cúmplices de sua morte. Nós todos a assassinamos. A questão é saber quantas Camilas precisarão morrer antes de baixarmos o vidro de nossa inconsciência. Você sabe? E agora, tio lindo, tia linda, o que vamos fazer?" (BRUM, pg. 128)

A linguagem escolhida pela jornalista não é o formato típico das reportagens que procuram levar a informação de modo isento, ela se preocupa mais em envolver o leitor, utilizando uma linguagem apelativa e direta. O texto contém características típicas do gênero reportagem, mas ao apresentar a personagem, narrativa se aproxima muito da linguagem literária, estabelecendo um diálogo instigante. Onde o enredo caminha até o ponto máximo de tensão, o velório de Camila, onde o contraste social é exposto de modo dramático e em tom irônico.

4.2 Análise de dados

A coleta de dados foi concebida por meio de um grupo focal para buscar respostas aos questionamentos e chegar a uma conclusão sobre as perguntas levantadas ao longo do projeto. Retomamos aqui as questões a serem respondidas e mencionadas anteriormente: Ao priorizar a subjetividade na escrita jornalística, o repórter pode provocar transformações? Há outras maneiras de fazer um jornalismo diário mais humanizado? Além de responder essas perguntas, o encontro serviu para analisar o impacto das crônicas selecionadas no leitor da obra de Eliane Brum, averiguar as marcas da subjetividade presentes nas mesmas e se existe espaço para esse tipo de jornalismo no momento atual em que vivemos.

As crônicas escolhidas para essa análise levantam várias questões, uma delas, o distanciamento social que existe no país, a distância do rico para o pobre. Na crônica “Enterro de Pobre” o protagonista Antônio leva uma vida onde não enxerga nenhum futuro no horizonte, nem para ele nem para os filhos, essa existência miserável dele, é

apenas uma das histórias de muitos Antônio que vivem no Brasil. Está sina do pobre, de nada ser, retrata uma realidade das ruas, que pode ser enxergada e tocada por qualquer um, mas que na maioria das vezes a escolha mais cômoda é fingir que ela não existe.

As dificuldades impostas pela sociedade para esses protagonistas invisíveis acabam por matá-los dia a dia, um pouco de cada vez. Sobre isso, a entrevistada no grupo focal Paola Saldanha expôs: “Tem um trecho da crônica “Enterro de Pobre” que me tocou bastante, onde ela fala, esse bebê poupou tempo, por que em vida ele teria outras mortes para passar. De certa forma a morte física dele teria sido um livramento, de tantas outras que ele teria, dá dignidade, saúde, do alimento, essa foi uma parte que me tocou muito. Até a morte é negada, não tem direito de morrer”.

Todos os personagens retratados nas crônicas conseguem rasgar o tecido que os separa do resto da sociedade, quando suas histórias são contadas, o olhar do leitor é ampliado e o que antes não se podia ver, por meio das palavras da jornalista, se torna visível, e quando isso acontece, sentimentos são despertados. Jean Jents comentou sobre a crônica “Sinal fechado para Camila”, a leitura da obra provocou uma memória do passado. Assim ele menciona: “Em uma época bem difícil estava em Santa Maria com a minha mãe e chegou uma indiazinha e pediu moeda pra minha mãe, e a minha mãe procurou na bolsa e não achou nada. Isso tudo me fez analisar toda a minha vida, meus privilégios, que tenho uma família e pensei nessas pessoas, entrei numa crise, fiquei triste, e fiquei pensando será que não somos culpados, até que ponto nossa omissão tem impacto para que essas vidas sejam ceifadas”.

A discriminação social mostrada nas crônicas, o não se importar a ponto de intervir, é o que mais incomoda. Quando foi que o ser humano virou uma parte do cenário e deixou de ser protagonista da sua própria vida? Essa é a pergunta que Eliane subjetivamente faz em todas as narrativas aqui analisadas. Ela devolve esse protagonismo aos seus personagens lhes dando voz e deixando que sejam donos das suas histórias. Ao fazer isso, a jornalista mostra ao leitor que, submissos a um tipo de cegueira são os seus olhos que não podem ver essa gente diminuída, embora ela esteja todo tempo ali.

Para Paola Saldanha a escrita da jornalista faz o serviço de nos mostrar um pouco dessa realidade que na maioria das vezes não enxergamos.

A Eliane não se coloca como aquela que tudo sabe que tudo vê, ela nos pega pela mão e nos leva junto, para mergulhar naquela realidade que está sendo retratada, sem nenhum pré-julgamento. Ela sai de casa pra ouvir histórias, acho que essa é uma forma de humanizar essas pessoas que muitas vezes nem são ouvidas e ela traz essas pessoas para o protagonismo deixando essa pessoa

conduzir essa narrativa. Ela escuta e ela transmite, sem julgamentos. “Esse exercício faz com que a gente mergulhe com ela pra entendermos um pouco o contexto dessas pessoas (SALDANHA, 2020).

Nos textos analisados o ordinário é, portanto, extraordinário. Mesmo que pelos critérios de noticiabilidade esses personagens façam parte do comum. Restituir-lhes a excepcionalidade subtraída é também devolver-lhes o protagonismo. A participante Adriana Aires falou: “Mostrar essa singularidade de cada pessoa e a importância de mostrar para pessoas que não vivem esse mundo, que existe esse mundo e que ele precisa ser mostrado na grande mídia. Que essas pessoas precisam ser mostradas e ouvidas”.

Ficou claro, que após ouvir os diferentes pontos de vistas e ver através dos olhos dos participantes do grupo, é preciso fazer uma revisão do que está sendo feito nas redações jornalísticas no país.

A miserabilidade de Leandro, que vive a vida sendo carregado de um lado para o outro em cima de uma porta, que seu pai improvisou para o filho locomover-se. É a mesma do menino que sonha com cavalos ao mesmo tempo em que é caçado pelas ruas de Porto Alegre. Essas duas realidades contrastam com a realidade em que a sociedade criou como a única possível. São mundos que chocam e que existem. Em especial a essas duas crônicas duas perguntas podem ser feitas: Por que Leandro não conseguiu ajuda das autoridades para obter uma cadeira de rodas? Ao invés de deixar que o menino que gosta de cavalos tenha sua cabeça a prêmio, por que alguém não realiza o seu sonho?

Nas palavras do integrante do grupo Jean Jents, as palavras da jornalista são para pessoas que tem a sensibilidade à flor da pele. “A crônica mostra a vida de uma pessoa que sofre, eu lendo essa e a outra crônica escolhida me bateu uma enorme crise existencial. Eu às vezes, reclamo tanto da vida e vejo casos assim que te deixam chocados. Às vezes, é bom repensar e ter um olhar maior para esse tipo de história”. Ao conhecermos as histórias desses protagonistas as palavras repensar e olhar, quase sempre estão juntas nas reflexões pós-leitura. O sentimento de urgência e vergonha são outros sentimentos despertados em quem lê os seus textos.

A jornalista cria pequenos gatilhos nas suas palavras, que, ao serem acionados, despertam sentimentos em seus leitores. A participante do grupo Lara Cornélio comentou que “Sinal fechado para Camila” foi a crônica mais pesada.

Me senti mal por não poder fazer nada. Depois fiquei refletindo alguns minutos, esse descaso com o pobre, esse descaso com o morador da periferia, se ele não fizer por si, ninguém vai fazer. Menino do alto tem um esforço da

comunidade, achei muito interessante a relação da planície com a cidade de cima, bem aquela coisa, ele nasceu do lado errado, tu consegue visualizar bem essa divisão. Essa coisa da criança do sonho, os desejos, no fundo não perderam essa inocência, mas precisam viver uma vida adulta. Também a questão de não prestarmos atenção nessa criança (CORNÉLIO, 2020).

A expressão *a vida que ninguém vê*, pode ser livremente traduzida como, aquilo que se vê por ver, ou como um barulho de fundo, uma presença, que sentimos mas não sabe onde está. A invisibilidade se faz presente em todas as palavras do texto, os personagens das narrativas analisadas são deixados de lado, e o descaso com todos acontece simplesmente por esses seres existirem, mas não serem vistos. E para isso mudar, alguém precisa fazer essas pessoas acontecer, e isso raramente acontece. Talvez não aja exemplo de invisibilidade mais emblemático do que Antônio, personagem da crônica “Enterro de Pobre”. Ele não é visto nem ouvido. Sua miséria não é notada. Ele mesmo, quando, sente-se na vontade de olhar o filho recém-nascido o mundo ao seu redor não lhe permite viver esse momento.

Dessa forma, a invisibilidade, reforçada todos os dias nos veículos de comunicação, não é só de Antônio, ou todos os personagens que Eliane escolheu utilizar nessas crônicas. Mas de toda essa parcela da sociedade, gente, de carne e osso, que tem o mesmo direito de viver igual a qualquer outra pessoa, mas que sobrevivem como figuras fantasmagóricas vagando por aí, longe dos olhos de quem não consegue enxergar.

4.2.1 A subjetividade e a sensibilidade que falta

De acordo com os entrevistados é possível averiguar que a subjetividade no jornalismo se faz necessária, mas que não necessariamente pode causar o mesmo tipo de sentimento nas pessoas. A escrita literária traz, ocultado, alguns sentimentos, gatilhos, que acompanham o desenvolvimento do indivíduo na vida, e esse tipo de história faz aflorar sensações, provoca uma lucidez para fatos recorrentes, mas que na maior parte do tempo não avaliados. Foi unânime que “Sinal fechado para Camila” tenha sido a crônica mais forte e que tenha despertado mais emoções nos entrevistados. O relato, que após a leitura, lembranças foram resgatadas, sentimentos foram despertados e reflexões foram feitas. Durante a experiência em ler as crônicas, os integrantes do grupo falaram se sentir incomodados a ponto de se perguntar se estão fazendo tudo que podem pelo outro.

Outro ponto bastante destacado pelos participantes foi da realidade em que os cinco personagens das crônicas vivem e que a maioria das pessoas não enxergam. E pior,

nem ao mínimo se sentem incomodados ou curiosos em saber porque aquelas pessoas chegaram àquele contexto. Para o grupo, essas pessoas, esse mundo, precisa ser mostrado na grande mídia, e mais importante serem ouvidas. Algo que chamou bastante atenção foi a desigualdade social e as dificuldades enfrentadas pelo pobre nas necessidades mais básicas do ser humano na crônica "Enterro de pobre". A história mexeu bastante com a percepção dos entrevistados. Para os integrantes do grupo, o jornalismo diário precisa de um pouco de humanização, que esse tipo de texto não fique restrito apenas ao um tipo de público, mas que os seus autores consigam achar um equilíbrio e certo controle de quantidade no quanto o leitor vai receber diariamente desse tipo de material.

Chegando neste ponto, onde fica claro que a população precisa receber e consumir uma quantidade maior de jornalismo com um viés mais humanizado. Ao analisar os depoimentos um paradoxo se cria: ao mesmo tempo em que fica claro que a humanização dos textos jornalísticos se faz necessária para despertar sentimentos no leitor. Precisa-se de certo cuidado para que essa humanização não se torne algo banal, a ponto daquela realidade voltar a não o incomodar. Assim, surge uma nova questão: existe espaço para esse jornalismo nos dias de hoje e em um futuro próximo? A visão dos integrantes do grupo é pessimista em relação a esse questionamento, se a sociedade atual quer mudar a velocidade em que vivem suas vidas, o desacelerar e se aprofundar talvez não seja algo que o mundo queira nesse momento.

Sobre a importância de existir um jornalismo mais humanizado a integrante do grupo Lara Cornélio comentou sobre a escrita que Eliane Brum adota em seus textos. "Acho que é uma via dupla, ao mesmo tempo em que ela está nesses canais mais fechados essa sensibilidade que ela toca as pessoas ao mesmo tempo em como ela está distante das pessoas que leem. Porque essas pessoas podem achar que não existe essa realidade, que seja tudo inventando".

Já Deivid Pazatto comentou sobre o impacto desse tipo de jornalismo na sociedade: "Acho que no atual momento em que vivemos se existissem mais Elianes não estaríamos preparados para absorver toda a carga que ela coloca nos textos dela. Tem gente que não acredita no Coronavírus, porque vão acreditar no que ela está contando".

Para Adriana Aires esse tipo de jornalismo é necessário, mas acha que se tivessem várias Elianes falando sobre esses assuntos não teriam o mesmo impacto. "Claro que são necessárias mais pessoas falando, mas acredito que não tão constantemente".

Já Lara Cornélio comentou: "Eu acho que as pessoas que deveriam ler ela não leria, ficaria a cargo das pessoas mais sensíveis a determinadas causas. Deveria ter mais textos assim, mas com uma certa medida".

Paola Saldanha acredita que falta humanização em muitas reportagens. “As pessoas não são vistas como pessoas, sempre vão estar tachadas em algum estereótipo. Mas um pouquinho de Eliane Brum seria muito bom, um pouquinho de humanização nas narrativas seria bom, talvez não com essa densidade até porque acho que seria demais, mas um pouquinho do que ela faz já nos faria muito bom”.

Na visão de Jean Jents nunca foi fácil ser jornalista, mas neste momento está muito difícil por vivermos em uma sociedade extremamente polarizada, e as agressões aos jornalistas cresceram muito. “Não sei até que ponto esse tipo de jornalismo conseguiria entrar numa sociedade dessas. Hoje está muito difícil uma conversa racional, as coisas já tendem para um lado agressivo. O Brasil é um país cheio de contradições, será que há interesse em colocar esse tipo de jornalismo, que é mais profundo, mais reflexivo, eu acredito que infelizmente não”.

Para Lara Cornélio não existe interesse editorial nem empresarial, para esse tipo de jornalismo. Na opinião dela as pessoas querem notícias rápidas, curtas e não querem refletir.

Baseado nas respostas dos entrevistados uma reflexão profunda pode ser feita sobre como se chegou a esse ponto, onde algo mais humano, e com um pouco de sensibilidade seja algo a ser pensado ser necessário para as pessoas. Para concluir, todos disseram que uma reflexão precisa ser feita, a humanização dos textos, a história do ser humano “comum”, precisa ser contada. A falta de sensibilidade preocupa, não podemos fechar os olhos para o mundo em que vivemos, ele também é nossa responsabilidade. Que se o jornalismo não incomoda não está sendo feito da maneira correta e o jornalismo atual precisa voltar a ser incômodo, algo que toque o leitor de alguma forma.

4.2.2.A escrita dos desacontecimentos

Seja por meio da forma de narrar, ou por um elemento da história, Eliane sempre destaca alguns detalhes de seus personagens, transformando o ordinário em extraordinário. Nas suas narrativas a jornalista apresenta ao leitor a transformação dos seus protagonistas. Por meio da linguagem, ela também restitui o caráter de excepcionalidade a certas imagens, como o aleijado que rasteja pelas ruas para sobreviver, o menino que não caminha e é carregado em cima de uma porta velha pelo seu pai e o pai de família que enterra seu filho natimorto vítima da miserabilidade.

É como se a jornalista quisesse acertar o desfoque do olhar do leitor através das suas palavras, assim, mostrando o que sempre esteve ali. O pobre e o contexto de pobreza

sempre estiveram na frente dos nossos olhos, mas por terem sido banalizados e incorporados ao cotidiano, nos acostumamos com aquele cenário. Por isso, Eliane sempre procura transformar o banalizado no excepcional, por meio do ato de olhar.

Para dar um caráter extraordinário aos seus personagens, a jornalista utiliza-se de recursos literários, além de dramatizar as cenas e, por vezes, mostrar em vez de contar, para, em outras ocasiões, contar em vez de mostrar. Nas crônicas que escreve Eliane quase sempre está presente como uma das interlocutoras no texto. Não como uma narradora fictícia, mas com a sua própria voz. Quando a jornalista escolhe seguir por esse caminho, desvia-se de um dos preceitos mais importantes do jornalismo, a objetividade.

Por escolher olhar além do habitual, preferir o subjetivo ao objetivo, a sua escrita não só se justifica como se torna necessária. E quando tentamos classificar o seu estilo de linguagem, que quase sempre flerta com a literatura, cria-se um impasse quanto a sua classificação: reportagem ou crônica? No caso da jornalista, essa definição fica em segundo plano.

O mais importante é observar o processo de aproximação que ela constrói com esses seres humanos invisíveis, para depois mostrá-los para a sociedade. Uma reportagem construída de acordo com o padrão jornalístico não teria o impacto necessário para instigar o olhar crítico do leitor. A proposta da jornalista é fazer o seu leitor pensar e conseguir se colocar no lugar do outro, assim, justificando o diálogo entre os gêneros reportagem e crônica.

5) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a escrever meu Trabalho Final de Graduação estávamos começando a viver a pandemia do Covid-19. Tivemos que nos acostumar a usar máscara no dia a dia, para nos protegermos do vírus, o distanciamento social também foi preciso. O mundo como conhecíamos mudou, e como seres adaptáveis que somos, tivemos que nos adaptar a esse novo cenário. Com tempo disponível, sem sair de casa e quase formado como jornalista, algo me chamou atenção nos noticiários em geral. Através dos meios de comunicação fomos bombardeados com informações sobre a pandemia e à medida que o número de mortes foi aumentando ao redor do planeta, essas mortes viraram números.

Essas pessoas viraram estatísticas, sem um nome, ou uma história, estes repassados todos os dias para o resto da população acompanhar o avanço da doença. Isso me traz até aqui, onde procuro mostrar a importância de se fazer um jornalismo mais humano e sensível. Este jornalismo já existe e tem em Eliane Brum a sua maior representante.

A missão do jornalista é informar e ajudar as pessoas a entender o mundo em que vivem e, acredito que acima de tudo, ver este mundo, as coisas, os personagens que fazem parte dessa realidade. Neste sentido, fica o espaço para um trabalho futuro sobre esses indivíduos que se tornaram invisíveis pela sociedade, não por não os enxergarmos, mas por nos acostumarmos com eles sendo apenas parte das ruas em que caminhamos todos os dias.

Não por acaso a capa do livro “A vida que ninguém vê”, no qual as crônicas para a análise desse trabalho foram tiradas, é a imagem desfocada de uma rua cheia de pedestres, a não ser em uma parte da página, onde aparece legível e amplificada a figura de um anônimo. Com essa mensagem subjetiva já podemos perceber a tensão criada entre esses dois tipos de visibilidade, e a partir destes dois mundos dentro de um só, a jornalista constrói os seus textos. Nas histórias que Eliane conta sempre busca colocar em cena essas pessoas que a sociedade escolheu tirar de cena. Com esse gesto, feito através da sua escrita, essa invisibilidade social, por um momento dá lugar a significância da vida desses personagens anônimos.

Ao colocar em cena essas pessoas a jornalista representa não somente o outro, mas também o próprio gesto, tornando-os visíveis, e isso podem chamar de exceção no jornalismo. Nas suas narrativas Eliane busca ajustar o olhar do leitor, que não se faz somente pela visão, em parte também se faz atravessada pelo sentido da audição. Assim,

o leitor enxerga através dos olhos da jornalista e também pela palavra dos seus personagens.

Olhar enxergando, nada mais é do que perceber o outro, é conseguir enxergar não por cima do muro, mas através dele, perceber é aprender a realidade por meio dos sentidos, é a maneira fundamental de seres humanos entenderem o mundo. Isso talvez explique o fato de Eliane Brum, com suas crônicas/reportagens, descrever nas suas narrativas sensações e percepções. Ao descrever cores, cheiros, sentimentos, ela aprofunda a percepção do seu leitor, fazendo-o mergulhar mais fundo e não ficar apenas no raso da objetividade do fato.

Portanto, a voz da jornalista traz em si a voz daqueles que tiveram as suas apagadas, e nesses personagens invisíveis Brum encontra a pedra preciosa bruta que ainda não foi lapidada. Quando bota os seus pés na lama em busca de novas histórias, não sai em busca do óbvio, mas sim do inusitado, o escondido, que olhos não treinados não conseguem achar. E ao chegarmos até aqui, depois de analisarmos aonde a jornalista quer chegar, conseguimos entender o seu propósito enquanto jornalista, quando as suas palavras nos tocam, descortinando o que está escondido e nos despertando sentimentos. Ela cumpre a sua missão quando paramos para olhar e refletirmos sobre nossa própria existência.

Isso fica claro quando analisamos as respostas dos entrevistados neste projeto, além de relatos de que sentimentos foram despertados, avaliações internas sobre o que estão fazendo para melhorar como seres humanos também foram feitas. Outro ponto que pode ser frisado é o momento em que a sociedade atravessa. Para os integrantes do grupo, a velocidade em que as coisas acontecem, a falta de tempo para olhar o outro é algo que preocupa e essa humanização no fazer jornalismo se faz necessária. A sensibilidade precisa voltar a ser algo presente na vida das pessoas, e um meio para isso acontecer seria humanizar as reportagens produzidas atualmente pelos veículos de comunicação.

Talvez o grande desafio para que isso venha a acontecer seja achar o equilíbrio para que esse tipo de jornalismo seja aceito nos dias de hoje, onde tudo que se é escrito acaba sendo polarizado, ou levantando debates que muitas vezes acabam se tornando agressivos e irracionais. Foi unânime para os entrevistados que o jornalismo precisa de mais leveza, que as pessoas precisam ser tocadas de alguma forma pelos textos que são escritos nas redações do país. Mas como fazer isso? Eliane Brum tem a resposta. Tudo nessa vida precisa de um começo, de alguém que dê o primeiro passo, para que depois outros se juntem na caminhada.

Somos seres em constante mutação, enfrentamos as dificuldades, nos adaptamos e seguimos em frente. Agora que estamos em casa, podemos olhar com mais calma as coisas ao nosso redor. Talvez seja a hora do jornalismo feito no Brasil também seja olhado com mais carinho por que o faz. Em um momento tão difícil como o que atravessamos, principalmente no país em que vivemos jornalista nunca foi tão importante. E para quem escolheu essa profissão, fica o pedido de uma reflexão, para lembrarem por que escolheram contar histórias e o que os fazem seguir em frente.

Para finalizar, faço uma analogia com a pandemia em que vivemos atualmente. Ela nada mais é do que uma grande crônica que segue sendo escrita dura e fria, sobre seus números e não sobre seus personagens. Mas tenho a esperança que, um dia alguém vai trazer eles a superfície sem superficialidade, assim como fez Eliane Brum com os seus invisíveis, pois o labor do jornalista além de noticiar, precisa acima de tudo fazer sentir. Já que se fala muito em mudanças pós-pandemia, porque não iniciar esse processo pela imprensa e quem sabe assim, teremos um mundo mais humano e menos invisível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIN, M. O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BENETTI, M.; FREITAS, C. A fenomenologia da memória e o “homem capaz” do jornalismo. *Conexão – Comunicação e Cultura*, 14(28), 167-185. 2015
- BONETE PERALES, Enrique (coord..) (1995). *Éticas de la Información y de ontologías del Periodismo*. Madrid: Tecnos.
- BRUM, Eliane. *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- _____. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial. 2006.
- _____. *Divorciada aos dez anos*. Época: online, Colunistas, 13 de março de 2010.
- _____. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo, 2008.
- _____. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- CASTRO, G. A palavra compartilhada. In: G. CASTRO; A. GALENO. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo, Escrituras, p. 71-84. 2002
- CANDIDO, A. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- _____. *A personagem de ficção*. 1998.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*, 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ESSENFELDER, R. De transmissor a narrador: desconstrução de estereótipos sobre jornalistas. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, Brasília, DF, v. 6, n. 18, p. 31-47, jan./jun. 2016.
- FONSECA, Isabel de Assis; SIMÕES, Paula Guimarães. Alteridade no jornalismo: um mergulho nas histórias de vida do livro “A vida que ninguém vê”. In: *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação*, 16, 2011, São Paulo. Anais. São Paulo: Intercom, 2011. 15p.
- GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In *Revista de Administração de Empresas*, v. 35 n.2 Mar/Abril 1995^a, p.57-63. Pesquisa qualitativa- tipos fundamentais, In *Revista de Administração de Empresas*, v. 35 n.3 Mai/Jun 1995^b, p. 20-29.
- GUARACIABA, Andréa. Crônica. In: *Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo*. Melo, José Marques de. São Paulo: FTD, 1992. (p. 82 – 90)
- IJUIM, J. K. & SARDINHA, A. C. Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística... e a busca por um jornalismo humanizado. *Comunicação & Sociedade*, v. 30, p. 155-176. 2009.
- KARAM, Francisco José Castilhos. Ética, deontologia, formação e profissão: observações sobre o Jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. n. 1, p. 118-130, jan-jun., 2004.

- Retórica, Grécia e Roma Antigas: vestígios da futura linguagem jornalística. ALCEU, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 109-117, jul-dez., 2009. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu19_Karam.pdf. Acesso em: 04 de abril de 2020.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público deve exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 5ª Ed. Atlas. 2019
- LIMA, Alceu Amoroso. O jornalismo como gênero literário. São Paulo: Com-Arte/Edusp, 1990.
- MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. Subjetivação, jornalismo e ética: uma abordagem dialógica. São Paulo, 2010.
- MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: Revisão conceitual, história e novas perspectivas. São Paulo, 2017.
- MEDINA, Cremilda. Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.
- MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre, 2007.
- NECCHI, Vitor. A(im)pertinência da denominação “jornalismo literário. VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. NP Jornalismo. Santos, SP, 2007
- OTTO, Groth. O poder cultural desconhecido. Fundamentos das ciências dos jornais. Ed: Vozes. Petrópolis, 2011.
- PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo, do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Rio de Janeiro, 2006.
- RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis. Vozes, 1998.
- RIBEIRO JUNIOR, J. C. N. Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- SODRÉ, Muniz. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TÁVOLA, Arthur. A literatura de Jornal (O que é Crônic) – Jornal O dia. Rio de Janeiro, 2001
- VERA, Ernesto (1999). El Periodismo y la Segunda Independencia Latinoamericana. La Habana: Editorial Pablo de la Torriente.
- WARD, Stephen; WASSERMAN, Herman. Open ethics: towards a global media ethics of listening. 2015